

A Direção-Geral do Património Cultural acarinhou desde o início o repto do Museu Nacional de Arqueologia à Câmara Municipal de Loulé para realizar uma exposição em Lisboa que apresentasse um estado da arte da investigação arqueológica do seu concelho. Foi constituída uma equipa executiva com elementos das instituições envolvidas, e convidados cinco comissários científicos que realizaram vários projetos de investigação no concelho de Loulé em diferentes momentos, entre o último quartel do século xx e a atualidade, além de algumas dezenas de investigadores e técnicos que aceitaram o nosso convite para participar neste projeto expositivo.

O *corpus* constituído para apresentar na exposição *LOULÉ. Territórios, Memórias, Identidades* mais de meio milhar de bens culturais selecionados é proveniente de várias coleções públicas, fundamentalmente do acervo do Museu Municipal de Loulé e do Museu Nacional de Arqueologia, mas também dos Museus Municipais de Faro, Figueira da Foz, Albufeira e Silves, bem como património nacional exposto no Museu e Estação Arqueológica Cerro da Vila (Vilamoura) e gerido pela empresa Vilamoura World.

A definição do *corpus* implicou a realização de um trabalho prévio e imprescindível com o Departamento de Bens Culturais desta Direção-Geral, o registo e a atualização da informação dos atuais 153 sítios arqueológicos identificados no concelho de Loulé na Base de Dados Endovélico, bem como dos acervos provenientes de Loulé depositados em diferentes instituições. O processo de construção de uma exposição desta importância e com esta ambição não poderia deixar de contemplar este nível de ação.

Os serviços centrais e regionais que têm competência na gestão do património arqueológico, a comunidade arqueológica, bem como a autarquia, dispõem agora de um nível de conhecimento e de uma ferramenta de gestão que importa manter ativa e atualizada.

Este conjunto de bens culturais foi também objeto de um programa de conservação e restauro que garante a sua apresentação e preservação para o futuro em excelentes condições, bem como de uma campanha de registo fotográfico exaustivo e descritivo.

O conceito foi materializado num projeto expositivo com a qualidade a que o Museu Nacional de Arqueologia nos habituou e que nos permite também, interna e paulatinamente, fazer uma caminhada para a sua desejada renovação museológica, desígnio partilhado por todos os que trabalham, visitam ou se preocupam com o Museu.

A exposição, o catálogo e o roteiro preparados para a acompanhar constituem excelentes documentos que nos permitem apresentar em detalhe a arqueologia do concelho de Loulé. Ao aceitar este desafio, o Município catapultou a arqueologia louletana para um plano nacional.

Um cumprimento muito especial gostaria de expressar ao Presidente da Câmara Municipal de Loulé, Vítor Aleixo, a que junto os meus agradecimentos, bem como a todos os elementos da equipa que o Diretor do Museu Nacional de Arqueologia, António Carvalho, e, no início deste projeto, a então Diretora do Departamento de Desenvolvimento Humano e Coesão da Câmara Municipal de Loulé, Dália Paulo, entenderam juntar para concretizar este objetivo.

Desejo que a repercussão que este projeto tenha a nível local contribua para uma reformulação do discurso do Museu Municipal de Loulé, no sentido da sua afirmação sustentada no panorama museológico algarvio, designadamente no quadro da Rede de Museus do Algarve, mas também no da Rede Portuguesa de Museus.

Lisboa, 21 de maio de 2017

Paula Araújo da Silva

Diretora-Geral do Património Cultural

A Cultura é para o executivo que lidero uma marca distintiva da nossa gestão e do legado que queremos deixar aos nossos. Como pilar essencial no governo do território de Loulé, definimos a Cultura, onde incluímos o Património Cultural, como uma das áreas estratégicas do desenvolvimento do concelho, trabalhada de forma integrada e transversal. Esta forma de atuação inspirou-se na Convenção de Faro 2005, assinada pelos ministros da Cultura europeus na Quinta do Lago, especificamente no enunciado sobre o papel do património cultural «na edificação de uma sociedade pacífica e democrática, bem como no processo de desenvolvimento sustentável e de promoção da diversidade cultural». Num território como Loulé, a promoção da diversidade cultural está na base da nossa atuação, uma vez que estamos num lugar que historicamente alicerça a sua existência numa convivência entre os diferentes grupos étnicos, religiosos e sociais. *As Atas de Vereação do Concelho de Loulé*, a primeira de 1384 e a mais antiga do país, atestam esta multiculturalidade que se tem vindo a consolidar ao longo dos tempos, vivendo hoje no concelho pessoas de mais de cem nacionalidades diferentes.

Numa visão holística, definiram-se as linhas orientadoras para a Cultura tendo como foco as pessoas e o território, na sua interação diacrónica e numa simbiose entre tradição e contemporâneo. Esta definição contou com a escuta ativa das pessoas, para uma ação mais concertada com a realidade e com a ambição dos louletanos. Uma das linhas orientadoras foi a do conhecimento, quer na sua vertente de construção de conhecimento quer na de fundamentação de projetos. O laborioso trabalho de candidatura para a credenciação do Museu Municipal de Loulé na Rede Portuguesa de Museus foi o aglutinador de todas as linhas de atuação que se abriram na ação desenvolvida sobre o Património Cultural do concelho. Importa que fiquem gravadas, para memória futura, várias áreas de intervenção e trabalho, para que se possa perceber a exposição *LOULÉ. Territórios, Memórias, Identidades* como parte integrante de um processo de desenvolvimento de Loulé baseado na identidade do lugar. Neste *modus faciendi* estruturado e integrado podemos referir algumas iniciativas mais significativas na área do Património Cultural, sempre na sua relação com o Loulé de hoje, como sejam: a assinatura de um protocolo com o Campo Arqueológico de Mértola para a reativação das escavações dos Banhos Islâmicos; a reabertura do Pólo Museológico dos Frutos Secos, a realização da primeira exposição de Loulé na Praça do Império (entrada do Museu Nacional de Arqueologia), em 2015, «Quem nos escreve desde a Serra?» e que deu início ao processo de materialização desta exposição; a efetivação da inscrição da manifestação religiosa *Mãe Soberana* no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial; a edição de vários livros de que se destaca o *Roteiro da Arquitetura Religiosa do Concelho de Loulé*; o restauro do Portal do Convento da Graça e a criação do projeto *Loulé Criativo*.

Por outro lado, numa visão assumidamente estratégica, estamos a desenvolver ações que permitam a criação do quarteirão cultural que funcione como âncora para a visita ao Património Cultural do concelho, e que inclui uma reorganização do Museu Municipal, dotando-o de novas valências expositivas, reforçando alguns períodos históricos e incluindo o conhecimento do território antes do homem, de acessibilidade, educativas e de laboratórios, assim como a musealização dos Banhos Islâmicos e a reorganização da visita ao castelo.

No âmbito da exposição *LOULÉ. Territórios, Memórias, Identidades*, destaco como mais-valias para o Património Cultural de Loulé o restauro da *Ata de Vereação* mais antiga conhecida em território nacional (1384), a inserção no acervo do Museu Municipal de Loulé do espólio do sítio arqueológico de Corte João Marques, a realocização de vários sítios arqueológicos na base de dados *Endóvelico – Sistema de Informação e Gestão Arqueológica*, a releitura de sítios e documentação, o restauro de vários objetos e as novas pistas de investigação que esta síntese apresenta, assim como a exposição, pela primeira vez, do *Metoposaurus algarvensis*, fóssil de um anfíbio gigante, com cerca de 220 milhões de anos, encontrado na aldeia da Penina.

Este catálogo e a exposição *LOULÉ. Territórios, Memórias, Identidades* só são possíveis graças ao trabalho de uma vasta equipa, e, muito especialmente, dos seus comissários científicos – Victor S. Gonçalves, Amílcar Guerra, Catarina Viegas, Helena Catarino e Luís Filipe Oliveira – a quem estou profundamente agradecido, uma vez que, com o seu conhecimento e incomensurável trabalho, nos contam a história de Loulé desde a pré-história até à época moderna. História que se completa com a colaboração preciosa dos 42 autores de textos deste catálogo, um volume síntese e que abre pistas para novos caminhos de investigação.

Agradeço a todas as instituições que cederam peças para a exposição e expressei um bem-haja por preservarem o Património Cultural de Loulé. Merecem, igualmente, uma palavra de reconhecimento todos aqueles que ao longo de décadas foram doando espólio ao Museu Municipal de Loulé, assim como aqueles que devido a esta exposição ofereceram objetos para integrar o acervo museológico.

Quero expressar a minha gratidão à diretora-geral do Património Cultural, Paula Silva, que desde a primeira hora acolheu com grande entusiasmo a ideia da realização de uma exposição sobre Loulé no Museu Nacional de Arqueologia e ao diretor do Museu Nacional de Arqueologia, António Carvalho, pela sua sabedoria, paixão e labor incansável. Às arquitetas Manuela Fernandes e Mónica Cruz pelo desenho cuidado da exposição que nos ajuda a mais facilmente compreender a ocupação do território. À Amélia Fernandes, que com a sua experiência e atenção aos detalhes foi essencial para a qualidade do resultado da exposição. Ao Rui Almeida, que desempenhou um papel fundamental de articulação entre equipas internas e externas. À Clara Mineiro, especialista em acessibilidades, que nos permite ter uma exposição que queremos acessível para todos.

Do lado do Município, quero agradecer à Dália Paulo, que, conjuntamente com António Carvalho, coordenou os trabalhos, pela sua entrega e exigência, ao diretor municipal, Júlio Sousa, por ter sabiamente conduzido o processo internamente e à Patrícia Batista, coordenadora municipal, que com o seu trabalho dedicado e invisível contribuiu para o sucesso da iniciativa. À Isabel Luzia pelo conhecimento profundo do património arqueológico do concelho e o cuidado colocado no transporte do material arqueológico.

À Ana Rosa Sousa, que foi discretamente, a cada momento, possibilitando que os diversos serviços museológicos fossem realizando as tarefas necessárias.

Estou grato a todos os técnicos das equipas do Museu Municipal de Loulé e do Museu Nacional de Arqueologia, que com a sua dedicação e sabedoria concorreram para que a exposição *LOULÉ. Territórios, Memórias, Identidades* fosse hoje uma realidade e que a todos orgulhasse!

Um agradecimento muito sentido à ilustre escritora e querida amiga Lídia Jorge, que nos brinda com um belíssimo texto sobre este nosso ser louletano.

A minha última palavra vai para os louletanos para que possam desfrutar desta oportunidade de conhecer melhor quem somos e como ocupamos o território, para aumentar o nosso amor à terra e com maior conhecimento definir, conjuntamente, os caminhos do futuro!

Loulé, 25 de maio de 2017

Vítor Aleixo

Presidente da Câmara Municipal de Loulé

Na segunda metade da década de 90 do século xx, mais concretamente em 1997, no Museu Nacional de Arqueologia, instituiu-se uma linha de trabalho que se viria a revelar estratégica no âmbito da programação do museu nos últimos vinte anos. Tratava-se então de instituir e progressivamente consolidar um modelo de trabalho de parceria com os municípios com o objetivo de dar a conhecer o estado da arte em matéria arqueológica, revelando ao público, sob a forma de exposições monográficas, sítios arqueológicos bem estudados, atualizando questões conceptuais merecedoras de especial atenção por parte da comunidade científica, ou mesmo caracterizando o povoamento, em diversas épocas, em territórios mais ou menos amplos.

Esta assinalável dinâmica materializou-se em mais de vinte mostras e permitiu, enquanto se forja o momento da desejada exposição permanente, mostrar a Arqueologia de Norte a Sul do país, na casa mãe da Arqueologia portuguesa e museu mais local de todos os museus nacionais, se atendermos ao facto de os vestígios da ocupação humana, datados de há cerca de meio milhão de anos e provenientes de mais de três mil sítios arqueológicos de todos os pontos do país, estarem representados nas coleções de referência do Museu Nacional de Arqueologia. Com a exposição *LOULÉ. Territórios, Memórias, Identidades*, chegou, pois, a vez de Loulé, presente na coleção fundacional do Museu Nacional de Arqueologia, por via da incorporação, em 1894, do acervo do Museu do Algarve recolhido por Estácio da Veiga, mas nunca mostrado como tema.

Há muitas razões de ser¹ para esta exposição que abarca mais de sete milénios de história da ocupação humana do concelho de Loulé, concebida e produzida durante os dois últimos anos. Após a estabilização da ideia e da celebração de um protocolo de colaboração entre a Direção-Geral do Património Cultural e a Câmara Municipal de Loulé, que enquadra a exposição, foi definida uma equipa executiva e convidada uma equipa eclética de cinco comissários científicos, que representam várias gerações e décadas de trabalho continuado, distintas perspetivas metodológicas e três das mais importantes universidades portuguesas, assegurando a indispensável multiplicidade de olhares que o tempo longo que nos propusemos tratar assim exige.

Aos comissários agregaram-se mais de quarenta autores que redigiram os textos do catálogo, e também outros colaboradores que se dedicaram a muitas das etapas deste projeto expositivo.

A tarefa seguinte consistiu em definir um guião e um *corpus* de materiais arqueológicos a estudar e a expor. Ao fixar-se a lista de mais de 500 bens culturais selecionados a partir dos milhares recolhidos no concelho de Loulé e à disposição da equipa, foi realizado simultaneamente um trabalho de localização ou realocação na base de dados Endovélico dos sítios arqueológicos conhecidos, que atingiu a cifra de 153, estando 141 dos quais situados no arco temporal da exposição. Trabalho só escassamente visível na exposição, constitui uma ferramenta crucial de gestão do património arqueológico no terreno, por parte dos organismos da Administração Pública e da comunidade arqueológica em particular.

Este processo permitiu conferir ainda valor museológico a espólios exumados no concelho de Loulé, considerados apenas pela investigação arqueológica de gabinete, e que a partir de agora poderão integrar projetos expositivos no respetivo Museu Municipal.

Os bens culturais móveis selecionados integram muitas e diversas categorias e tipologias. Com estes objetos, que constituem memórias vivas, conta-se a história do concelho de Loulé entre a Pré-História e a Idade Média, um território heterógeno e único que liga a serra ao mar, dotado de uma identidade própria. Selecionado um *corpus* a partir dos inventários gerais dos bens conservados em nove instituições, foi necessário prosseguir simultaneamente três importantes ações: um programa de conservação preventiva e de restauro dos bens, a criação de uma base de dados de inventário analítico e descritivo assente em parâmetros contemporâneos, e o registo por imagem do conjunto, que passou a integrar o inventário fotográfico nacional.

Esta exposição apresenta, pela primeira vez ao público, o acervo de trinta e cinco sítios arqueológicos conhecidos, vantajosamente integrados no contexto territorial do município. Museus de quatro outros concelhos – Faro, Figueira da Foz, Albufeira e Silves – disponibilizaram para esta exposição peças que são oriundas de Loulé. Assim como a UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, de onde proveio o espólio do Cerro do Castelo de Corte João Marques, Quinta do Lago e Tejo do Praio. Significativa cedência, a do Museu e Estação Arqueológica Cerro da Vila, propriedade da empresa Vilamoura World. E, claro, o conjunto artefactual mais numeroso é o que procede do Museu Municipal de Loulé e que se junta ao do Museu Nacional. Do Arquivo Histórico Municipal de Loulé provém a documentação que encerra a história que contamos, nomeadamente as icónicas *Atas da Vereação de Loulé* (1384), as mais antigas conhecidas em Portugal. Num concelho fisicamente heterógeno – e que nos oferece uma paisagem de serra, barrocal e litoral – apresentar, inclusive de forma tridimensional, esses «territórios» foi essencial, como fundamental era reter os olhares dos proprietários das áreas do concelho onde se localizam os sítios arqueológicos, que se apresentam como verdadeiros guardiães das «Memórias». Pois assim se constroem também as «Identidades» de um lugar.

O olhar poético e a escrita de Lídia Jorge foram convocados. Dão-nos ambos uma outra imagem do seu Loulé, que partilhamos com os visitantes.

Do diálogo entre os responsáveis pelas instituições envolvidas com os cientistas, resultou uma ousadia que decerto não deixará de surpreender e agradar ao visitante. Oferece-nos a Paleontologia, neste início do século XXI, algumas novidades sobre o território de Loulé há mais de 220 milhões de anos, ao realizar a descoberta de fósseis de *Metoposaurus algarvensis* e fitossauros. Uma janela temporal foi assim construída para podermos ver esta terra, numa época remotíssima. Muito antes do Homem.

Os mais de 500 bens culturais selecionados, segurados pelo nosso mecenas institucional e tão especial – a Lusitania Seguros –, são mostrados no Museu Nacional de Arqueologia numa intervenção arrojada que implicou uma alteração estrutural na galeria de exposições temporárias, o que contribuiu para oferecer, uma vez mais, uma cenografia apelativa, que valoriza ainda mais o lugar.

O catálogo geral da exposição é publicado no âmbito da insubstituível parceria editorial com a Imprensa Nacional-Casa da Moeda, sempre presente no nosso quotidiano.

O trabalho prosseguirá diariamente, estruturado num intenso programa de dinamização da exposição, preparado conjuntamente pelas equipas do setor educativo do Museu de Loulé e do Museu Nacional de Arqueologia, em estreita colaboração com os comissários científicos da mostra.

Um «mar de gente», que representa as diferentes instituições envolvidas neste projeto, tem os seus nomes gravados na ficha técnica deste catálogo. A todos cumpre agradecer.

Uma palavra de gratidão é especialmente devida à Câmara Municipal de Loulé e ao seu presidente, Dr. Vítor Aleixo, bem como à equipa do Município, parceiros desta exposição que se souberam fundir numa equipa coesa com os técnicos da Direção-Geral do Património Cultural e do Museu Nacional de Arqueologia.

Lisboa, 23 de maio de 2017

António Carvalho

Diretor do Museu Nacional de Arqueologia

1. Título tomado de empréstimo. Constitui uma forma de homenagem ao génio da cientista portuguesa Maria de Sousa.

RAZÕES DE SER DE UMA EXPOSIÇÃO

Loulé, no sul de Portugal, é o mais extenso concelho do Algarve, que cruza de norte a sul e da serra ao mar. Dotado de bons recursos naturais, foi habitado pelo Homem ao longo dos tempos.

A história da Arqueologia de Loulé remonta ao trabalho pioneiro de Estácio da Veiga (1828-1891), que reuniu uma coleção para constituir o Museu Arqueológico do Algarve, mas que foi incorporada no então Museu Etnográfico Português em 1894. Assim, o património de Loulé ficou para sempre ligado ao Museu Nacional de Arqueologia.

Entre o século xx e o presente, a arqueologia foi uma prática amadurecida no território louletano e no seu museu, pela ação de vários arqueólogos envolvidos nesta exposição. São estas as razões que unem o Museu Nacional de Arqueologia e o Museu Municipal de Loulé na organização desta mostra, inscrita numa linha de colaboração prosseguida pelo Museu Nacional com as autarquias há duas décadas.

Esta exposição assume-se como o estado da arte da investigação arqueológica do concelho de Loulé e conta a história das comunidades que o constituíram entre a Pré-História e a Idade Média, assente nos vestígios arqueológicos e nas fontes documentais conservados nas instituições que laboriosamente constroem as memórias e as identidades de Loulé.

A exposição *LOULÉ. Territórios, Memórias, Identidades* proporciona ao visitante um percurso através de um importante conjunto de artefactos arqueológicos provenientes de diversas coleções algarvias, uma viagem pelo território louletano, invocando memórias e vincando os traços identitários da região e das pessoas desta terra.

O primeiro núcleo apresenta o território, lembrando que para além da faixa litoral existe uma outra região, um «mar de cerros», cuja ocupação se encontra testemunhada pelos 500 objetos expostos e humanizada pelas fotografias dos louletanos que guardam e transmitem este património. No espaço amplo da nave, os suportes expositivos distribuem-se longitudinalmente, enfatizando o seu efeito perspético e ampliando a sua escala monumental. Os objetos são expostos, nas vitrinas verticais, em composições ondulantes e dinâmicas, cronologicamente ordenados e associados por tipologias.

As mesas centrais complementam esta apresentação e constituem o suporte para um outro nível de informação. Através de filmes de curta duração e peças para serem tocadas estabelece-se uma ponte entre o visitante e o «objeto visitado», viabilizando uma experiência mais sensorial de visita à exposição. Pretende-se que esta exposição seja, tal como toda a faixa algarvia é desde há muitos séculos, um território aberto a todos. Assim, no desenvolvimento do projeto houve uma forte aposta em proporcionar a TODOS os visitantes, independentemente do seu grau de literacia, idade, género, grau de mobilidade ou qualquer outro tipo de limitação física ou intelectual, uma oportunidade de ter acesso à informação sobre o importante legado deixado por inúmeras gerações no território de Loulé.

Lisboa, 31 de maio de 2017

Maria Manuela Fernandes

Arquiteta, Direção-Geral do Património Cultural

Na exposição, os acervos são introduzidos segundo vários critérios de ordenação: primeiro, pelas respetivas balizas temporais definidas para cada um dos grandes períodos históricos; segundo, através do enquadramento numa temática comum e/ou subordinados a categorias funcionais; terceiro, através da sua ordenação tipológica e cronológica, de preferência obedecendo a uma ordem decrescente de antiguidade.

Nas tabelas dos objetos a informação é ordenada do seguinte modo: número de catálogo; denominação, com descrição sucinta; proveniência; cronologia; dimensões; proprietário; número de inventário.

Na medição dos objetos consideram-se sempre as dimensões máximas, exceto quando indicado em contrário. A ordem de apresentação das dimensões corresponde à altura x largura para objetos bidimensionais, e para objetos tridimensionais comprimento x largura x altura/espessura, ocasionalmente x peso, seguindo-se a unidade de medida.